O turismo de Foz do Iguaçu (Paraná, Brasil) e sua inserção dentro da rede internacional de cidades

The tourism Foz do Iguaçu (Paraná, Brazil) and its insertion into the international network of cities

Cláudia Heloiza Conte (CONTE, C. H.)^{*}

RESUMO - O objetivo do presente trabalho é compreender as principais características do turismo enquanto atividade econômica que insere de forma diferenciada a cidade de Foz do Iguaçu em uma rede muito ampla de cidades. Isto permite entender que a análise de uma cidade em determinada rede deve ser efetuada a partir de mecanismos e atividades comerciais e de serviços como percurso ao entendimento das complexas interações espaciais delas decorrentes. Para tanto, realiza-se uma discussão sobre as principais características das redes urbanas e as consequentes transformações ocorridas a partir da década de 1970 nas redes de cidades e também na cidade de Foz do Iguaçu. Contextualiza-se a evolução da atividade turística e posteriormente analisam-se os dois principais atrativos turísticos do município: Cataratas do Iguaçu e Usina Hidrelétrica de Itaipu. A partir destas análises, procura-se verificar a inserção de Foz do Iguaçu na rede internacional de cidades por meio do turismo.

Palavras-Chave: Rede Urbana; Turismo; Foz do Iguaçu.

ABSTRACT - The objective of this study is to understand the main characteristics of tourism as an economic activity that inserts differently the city of Foz do Iguaçu in a very wide network of cities. This allows understanding that the analysis of a city in a network must be made from mechanisms and commercial activities and services such as a route to the understanding of the complex spatial interactions arising from them. The study presents a discussion on the main features of urban networks and the consequent transformations that occurred since the 1970s in the networks of cities and also in the city of Foz do Iguaçu. It contextualizes the development of tourism and then analyzes the two main tourist attractions of the city: Iguazu Falls and Hydroelectric Power Plant of Itaipu. From these analyzes, this study sought to verify the inclusion of Foz do Iguaçu in the international network of cities through tourism.

Key words: Urban Network; Tourism; Foz do Iguaçu.

^{*} Graduação em Turismo e Especialização em Geografia Econômica pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Mestrado em Geografia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) e doutoranda em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Professora da Faculdade União das Cataratas e do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial - SENAC em Foz do Iguaçu/PR. Endereço para correspondência: Rua Salto União, 163, Jardim Cataratas. CEP: 85855-787 - Foz do Iguaçu - Paraná (Brasil). Telefone: (45) 9989 9791. E-mail: claudiaheloiza@yahoo.com.br

1 INTRODUÇÃO

A partir da década de 1970 a rede urbana brasileira passou por fortes transformações, que de acordo com Corrêa (2006) são determinadas por alterações ocorridas na organização socioespacial das cidades. Essas alterações podem ser caracterizadas pela desconcentração, ampliação e diversificação das atividades industriais, com o aparecimento de centros industriais diversificados e especializados, além da modernização, industrialização e capitalização do campo.

Neste sentido, a cidade de Foz do Iguaçu evidencia este processo, com a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu (CATTA, 2002), apresentou um crescimento e um desenvolvimento econômico, caracterizado principalmente por aquilo que Bessa (2005) menciona de produção não-material, ou seja, comércio e prestação de serviços.

Esta materialidade permitiu que ocorresse a expansão das suas funções urbanas, o que de certa forma criou maior complexidade funcional para a cidade. Como parte deste processo, o turismo vem sendo considerado como um importante propulsor para a economia de Foz do Iguaçu (NODARI, 2008). Identifica-se que o papel que o turismo desempenha sobre uma economia, seja de forma direta, indireta ou induzida, tem resultado em geração de renda e de divisas. A cidade de Foz do Iguaçu, principalmente a partir da década de 1970 passou a ser reconhecida em nível mundial pela capacidade turística proveniente basicamente de seus dois pilares turísticos: Cataratas do Iguaçu e a Usina Hidrelétrica de Itaipu (MASSUKADO; TEIXEIRA, 2006). Agrega-se a isto, toda infraestrutura disponível, além da oferta técnica em hospedagem e serviços de transporte e alimentação, que auxiliam na argumentação de situá-la como destino turístico internacional.

A fim de alcançar o entendimento acerca deste processo, este trabalho objetiva analisar o turismo como atividade econômica que induz a inserção da cidade de Foz do Iguaçu na rede internacional de cidades. A metodologia está alicerçada em revisão bibliográfica e dados indicativos obtidos através de entrevistas. Diante disso, o presente estudo está dividido em duas partes, exceto introdução e considerações finais. A primeira delas discute teoricamente, o conceito, as principais características e as transformações ocorridas nas redes urbanas, posteriormente analisa-se a atividade

turística e sua importância para a cidade de Foz do Iguaçu, para finalmente traçar algumas considerações acerca deste processo.

2 COMPREENDENDO A REDE URBANA

Corrêa (1989) comenta que os estudos referentes às redes urbanas encontram suas origens em Christaller, estudioso alemão que em 1933 elaborou a teoria das Localidades Centrais, explicando a distribuição de bens e serviços pelas cidades. Christaller citado por Corrêa (1989) explicita que existe distinção entre a distribuição de bens e serviços entre as cidades, vinculada diretamente ao tamanho dos núcleos pertencentes às suas redes urbanas.

Corrêa (1997) discorre que de acordo com as proposições de Christaller, a centralidade de um núcleo é medida pelo seu grau de importância com base em suas funções centrais: maior número delas, maior a sua região de influência, maior a população externa atendida pela localidade central, maior a sua centralidade.

Neste sentido, cabe apontar que se entende por rede urbana “[...] um conjunto de centros funcionalmente articulados [...]” (CORRÊA, 1989, p. 8), onde é por meio “[...] das numerosas cristalizações materiais diferenciadas do processo de distribuição varejista e de serviços, que se realiza em um amplo território sob o domínio do capitalismo a articulação entre produção propriamente dita e o consumo final [...]” (CORRÊA, 1989, p. 20), ou seja, a rede urbana seria a concretização do mercado de distribuição no sistema capitalista.

Na medida em que se valorizam determinadas localidades, outras são desconsideradas por não apresentarem elementos necessários para a produção capitalista. Este processo resulta na diferenciação entre as cidades de uma rede urbana, Fresca (2004, p. 14) salienta que:

A lógica capitalista de acumulação acaba por suscitar, por exemplo, valorização de certas localizações em detrimento de outras, gerando o aumento da importância de algumas cidades. Assim surgem determinadas hierarquias urbanas e certas especializações funcionais. Outras cidades tiveram menor valorização na ótica do capital por não atenderem os requisitos básicos para a produção e reprodução do capital naquele momento, e ainda novos modos de circulação são suscitados e instalados, atingindo, diferenciadamente ou não, os centros de uma rede.

No estudo de uma dada rede urbana, para o desvendamento das lógicas que geraram e articularam suas características, a estrutura social desempenha um papel de primeira ordem. Definido através de características principais e invariantes gerais, um determinado modo de produção se concretiza em distintas formações econômicas e sociais. Ou seja, trata-se de uma estrutura técnica-produtiva, social e cultural, na qual o econômico, o político, o social e o cultural estão imbricados, expressando-se em conjunto no espaço e no tempo.

Nesta perspectiva, compreende-se rede urbana enquanto uma forma espacial, onde as funções que ali ocorrem são emanadas de processos sociais que assumem características específicas na estrutura capitalista (FRESCA, 2004). Esta realidade implica em um movimento de ligação entre complexidade da forma espacial e complexidade funcional de centros urbanos, os quais indicam “[...] um processo de transformação da sociedade e de sua organização espacial da qual a rede urbana é uma de suas mais importantes manifestações” (CORRÊA, 1997, p. 99).

As redes passaram por transformações a partir da década de 1950, principalmente no que diz respeito às suas funcionalidades (CORRÊA 1997). Neste período o Brasil assume um caráter industrial e urbano; entre as transformações oriundas desta nova etapa do sistema capitalista do país que colaboraram para a complexificação funcional das cidades, destaca-se “[...] a industrialização, a modernização do campo e a melhoria geral da circulação” (CORRÊA 1997, p. 99).

Tendo isso presente, deve-se acrescentar a técnica¹ como importante modo de relação entre homem e natureza, entre homem e o espaço geográfico, pois, “[...] as técnicas são um conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço” (SANTOS, 2008, p. 310).

Santos (2005) explicita também que a globalização da economia capitalista permite identificar a constituição de um mercado articulado e hierarquizado pelo capital

¹ Muitas vezes as noções de “técnica” e de “tecnologia” têm sido empregadas para apontar o mesmo significado. Todavia, se entende que, enquanto a técnica designa regras do modo de ação prática de como fazer, a tecnologia explicita uma espécie de teorização das técnicas, no sentido de constituir um procedimento lógico que permite a compreensão da racionalidade e da ordem presente em uma ou na articulação de mais técnicas (CARLOS, 1992).

monopolista. Este mercado pressupõe um espaço onde a fluidez da informação, das relações sociais, dos produtos e do capital possa ocorrer².

Nesta discussão, de acordo com Santos (2005), é a partir da unificação do tempo e do espaço em escala planetária que a instantaneidade da informação globalizada aproxima os lugares, tornando possível uma tomada de conhecimento imediata de acontecimentos simultâneos e criando entre lugares e acontecimentos uma relação unitária na escala mundial.

Paralelamente ao desenvolvimento das formas materiais, há também uma grande expansão das formas de produção não material, como a saúde, a educação, o lazer e até mesmo as esperanças. São formas de consumo não material que se disseminam sobre o território (SANTOS, 2005). No contexto atual, o processo de circulação se tornou tão importante quanto o processo de produção. Os fluxos, por sua vez, tornaram-se mais intensos, mais extensos e mais seletivos. Os meios de comunicação e transportes passaram por grandes avanços, viabilizando maior fluidez à circulação de pessoas, produtos, idéias, dentre outros.

É desta forma que, paralelo às alterações empreendidas no sistema produtivo capitalista durante o século XX, as redes e os sistemas de transporte recebem significativamente a transformação na qualidade dos fluxos, influenciadas em parte, pelo uso conjunto com as redes de informação (SANTOS, 2008).

Neste sentido, a diferenciação entre redes urbanas pode ocorrer, pois cada uma tem sua dinâmica de acordo com as atividades produtivas predominantes numa determinada área. Todavia, deve-se considerar que a inserção de uma rede na divisão territorial do trabalho não está restrita apenas a uma única produção, pois uma rede pode ter mais de uma correlacionada à distribuição, produção e consumo (FRESCA, 2004).

Como consequência deste processo, as interações espaciais não acontecem apenas entre poucos centros e em curta distância, pois passam a alcançar lugares distantes e abrangem cada vez um número maior de cidades. As interações que anteriormente realizavam-se de acordo com a posição do centro na rede, nesta nova

² Santos (2008, p. 178) destaca a rapidez em que ocorreu a difusão de inovações nesta fase do sistema capitalista, pois de acordo com o autor “[...] as inovações técnicas introduzidas nos vinte anos após a Segunda Guerra Mundial se espalharam duas vezes mais rapidamente do que aquelas introduzidas depois da Primeira Guerra Mundial e três vezes mais do que as introduzidas entre 1890 e 1919 [...]”. O autor considera que isso se deu porque estas inovações tornaram-se essenciais para o desenvolvimento do sistema capitalista no período de maior centralização e concentração do capital.

etapa do processo produtivo, com as transformações ocorridas, realizam-se “[...] entre as grandes cidades localizadas na mesma região ou em regiões distintas, entre uma grande cidade e centros menores localizados tanto na hinterlândia como fora dela e entre cidades pequenas localizadas na mesma região ou em regiões diferentes [...]” (CORRÊA 1997, p. 283).

É com base nesta discussão teórica e considerando que as transformações ocorridas na cidade de Foz do Iguaçu nas últimas décadas favoreceram a atividade turística, que a próxima parte será dedicada ao estudo do turismo enquanto atividade produtiva e responsável pela inserção de Foz do Iguaçu na rede internacional de cidades.

3 ATIVIDADE TURÍSTICA: ALGUNS PRESSUPOSTOS

Existem várias dificuldades para a compreensão e estudo do turismo, basicamente por tratar-se de um fenômeno social cuja complexidade abrange vários setores da sociedade. Desta maneira, os conceitos de turismo foram sendo estabelecidos de acordo com os diferentes enfoques teóricos adotados pelas disciplinas ou ciências que o estudam. As definições encontradas retratam esta fragmentação e até mesmo uma perceptível parcialidade.

Mamberti e Braga (2004, p. 2) consideram como definição apropriada aquela que considera o turismo como atividade econômica e social, tanto pelas motivações e efeitos que exercem nos sistemas econômico, social e ambiental dos lugares receptores, bem como nos de origem dos viajantes.

A atividade turística tal como ocorre na atualidade é consequência direta do Estado do Bem-Estar Social, que emergiu a partir da década de 1930 nos Estados Unidos e Europa, garantindo a redução da carga horária dos trabalhadores, o acesso a aposentadorias, férias anuais, além de outras conquistas trabalhistas que ampliaram o tempo livre das pessoas, permitindo que as classes sociais pudessem desfrutar com mais tempo, rendimento e qualidade o lazer, a cultura e o turismo (FERNANDES; COELHO, 2002).

Os autores supracitados apontam ainda que, como resultado, em parte destas transformações trabalhistas, ocorreu a formação e consolidação de uma sociedade de consumo de massa e a atividade turística foi um dos primeiros setores a receber os benefícios de tal mudança. Contudo, vale considerar que os locais turísticos devem estar apropriados para receber fluxos de pessoas; neste sentido, Mamberti e Braga (2004, p. 3) apontam que:

Para um lugar ser considerado como turístico é necessário que ele apresente três características: densidade de frequência turística, ou seja, fluxo significativo de visitantes; presença de equipamentos e serviços turísticos, representados pela infraestrutura turística (hotéis, restaurantes, agências de turismo etc.); e deve haver uma imagem turística.

Além de sua capacidade de impulsionar melhorias nos resultados da balança comercial e estimular a economia através da geração de emprego e receita, o turismo é uma atividade que envolve pessoas, relações e expectativas. Diante disso, Barretto (1991, p. 2) explicita que “[...] o turismo é movimento de pessoas, é um fenômeno que envolve, antes de mais nada, gente. É um ramo das ciências sociais e não das ciências econômicas, e transcende a esfera das meras relações e da balança comercial”.

Por outro lado, a perspectiva que o conceitua na maioria das vezes apenas enquanto atividade econômica ocorre pela sua natureza, já que sua realização está diretamente ligada à compra e venda de produtos e serviços turísticos, assim como pela sua capacidade em promover benefícios econômicos. Esta posição é reforçada por Rodrigues (2003, p. 15), ao colocar que “a atividade turística é, portanto produto da sociedade capitalista industrial e se desenvolveu sob o impulso das motivações diversas que inclui o consumo de bens culturais”.

Na perspectiva econômica o turismo pode ser considerado como “[...] o conjunto das relações e fenômenos econômicos, sociais e culturais, ou seja, toda atividade que causa deslocamento e que implica gasto de renda, cujo objetivo principal é conseguir satisfação [...]” (MONTEJANO, 2001, p. 103). Segundo o autor, o turismo se enquadra na economia enquanto conjunto das atividades industriais e comerciais que produzem bens e serviços consumidos total ou parcialmente por visitantes estrangeiros ou nacionais.

A atividade turística articulada com demandas de bens e serviços acaba por promover o desenvolvimento econômico. Existe uma relação de causa e efeito entre

turismo e economia, ora a economia é causa do desenvolvimento do turismo, ora o turismo é causa do desenvolvimento da economia. É importante frisar que no momento em que o turismo favorece o desenvolvimento econômico, em muitos casos beneficia regiões e áreas menos favorecidas, possibilitando a geração de empregos, salários, impostos, entre outros (MONTEJANO, 2001).

A expansão do turismo representa também acréscimo na demanda por produtos agrícolas, mobiliários, de transportes, de construção civil, entre outros. De acordo com Fernandes e Coelho (2002, p. 90), os impactos econômicos gerados pela atividade turística são:

Redução dos desequilíbrios regionais: nas regiões com nível baixo de renda média, o aumento da demanda turística provoca uma série de efeitos multiplicadores sobre diferentes setores produtivos que lá funcionam. Esta demanda adicional enseja uma ampla gama de aquisições de bens e serviços que, por sua vez, faz com que outros bens e serviços sejam adquiridos, e assim sucessivamente.

Contribuição na arrecadação de impostos: A atividade turística tem uma importante contribuição para a arrecadação de tributos.

Efeitos multiplicadores de renda, produção e emprego: o multiplicador de produção relata o momento de produção adicional gerada na economia como consequência de um aumento no gasto turístico [...].

Contribuição na formação do Produto Interno Bruto (PIB): Se o turismo cresce, tudo cresce ao seu redor, inclusive o setor terciário. O turismo está inserido no setor econômico que, ao longo das últimas décadas, vem aumentando consideravelmente sua participação percentual na composição do Produto Interno Bruto das economias mais avançadas.

Diante desta explanação, nota-se que, se bem planejada, a atividade turística tem capacidade de reduzir os desequilíbrios, principalmente nas regiões com baixa renda. Nesta discussão cabe ressaltar que o turismo na sociedade contemporânea vem apresentando elevadas taxas de crescimento. De acordo com o documento Volume mundial de turistas da Organização Mundial do Turismo (OMT, 2011), este segmento está entre aqueles que contam com as maiores taxas de crescimento. Para se ter dimensão desta realidade basta observar que na década de 2000 o volume mundial de turistas foi de 697,8 milhões; em 2010, após a rápida recuperação dos impactos advindos da crise financeira mundial, ocorreu acréscimo de turistas de 6,7% em relação ao ano de 2009, atingindo total de 935 milhões (OMT, 2011).

Em relação ao Brasil, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Turismo - EMBRATUR (2011), em 2010 o país recebeu 5,161 milhões de turistas estrangeiros,

um crescimento de 7,5% em comparação a 2009, quando 4,802 milhões de turistas entraram no país, cujos gastos somaram US\$ 5,919 bilhões. Outra característica importante diz respeito ao número de empregos gerados pelo turismo. O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA realizou em 2007 uma pesquisa sobre o número de empregos gerados pela atividade turística no Brasil, apontando que em 2006 existiam no país cerca de 10,3 milhões de empregados no setor (IPEA, 2008).

Com base nesta discussão, cabe apontar que a análise que segue, está alicerçada na perspectiva econômica da atividade turística. Para tanto, o próximo item discute a gênese da atividade no município de Foz do Iguaçu, bem como sobre o desenvolvimento de seus atrativos turísticos e o crescimento do número de visitantes.

4 O TURISMO EM FOZ DO IGUAÇU

Foz do Iguaçu, por meio de um conjunto de atrativos naturais e artificiais, tornou-se ao longo dos anos um destino receptivo, profissionalizando-se na gestão de visitantes. Este processo de desenvolvimento do turismo aconteceu de maneira ora espontânea, ora planejada, de acordo com a realidade econômica, social e política vigente (SCHIMMELPHENG, 1991).

O mesmo autor comenta que para melhor compreender esta realidade é importante destacar que a atividade turística despontava na cidade em 1915, porém as visitas às Cataratas do Iguaçu ocorriam de maneira bastante rústica, e eram poucos aqueles que encaravam aproximadamente sete horas de percurso em carroça para conseguir chegar até as quedas. Durante as décadas seguintes, de forma bastante lenta, a cidade foi sendo estruturada para receber seus visitantes, mas apenas no final da década de 1960, atrelada à construção da Ponte da Amizade e BR-277, é que a atividade turística se fortaleceu (SCHIMMELPHENG, 1991).

Na década de 1970, o início da construção de Itaipu e a inauguração do aeroporto internacional fortaleceram o turismo e o número de visitantes nas Cataratas do Iguaçu aumentou (CATTÁ, 2002). O reconhecimento internacional de Foz do Iguaçu como destino turístico é comprovado pelas estatísticas. Segundo dados da EMBRATUR (2004), os atrativos da cidade de Foz do Iguaçu ficaram na sexta posição entre as

cidades mais visitadas por turistas estrangeiros, representando 7,4% do total no ano de 2003. O aumento da chegada de visitantes estrangeiros cresceu praticamente quatro vezes em um período de apenas quatro anos, quando seus atrativos saltaram de sexto para segundo lugar em 2009, ficando atrás apenas do Rio de Janeiro (EMBRATUR, 2009).

Este crescimento está relacionado basicamente à existência de seus atrativos turísticos, sendo eles de origem natural e/ou artificial. O primeiro deles é o Parque Nacional do Iguaçu, em especial pela presença das Cataratas do Iguaçu. O Parque foi criado em janeiro de 1939 através do Decreto Federal nº 1.035, situando-se na confluência entre Brasil, Argentina e Paraguai (SCHIMMELPHENG, 1991).

De acordo com dados obtidos através do Instituto Chico Mendes – ICMBio (2011) indicados no quadro 1, verifica-se que desde 2000 os números pouco se alteraram, com exceção do ano de 2000, apresentando 767.193 turistas. O total de visitantes fica na média de 1.039.615 visitantes por ano, sendo que deste montante, praticamente metade é composta por turistas brasileiros e a outra metade por turistas estrangeiros, além do mês de maior visitação ser janeiro e o período de menor visitação o mês de junho (ICMBIO, 2011).

QUADRO 1 - ESTATÍSTICA DE VISITAÇÃO NAS CATARATAS DO IGUAÇU: 2000, 2005, 2009 E 2010

Visitantes	2000	2005	2009	2010
Média Mensal	63.932	87.952	89.172	105.480
Mês de maior frequência	89.373 – Jan.	128.718 – Jan.	157.087- Jan	161.124 - Jan
Mês de menor frequência	31.111 - Jun	51.111 - Jun	48.653 - Jun	66.338 - Jun
Brasileiros	393.271	454.664	523.025	646.861
Estrangeiros	373.922	600.769	547.047	618.904
Total	767.193	1.055.433	1.070.072	1.265.765

FONTE: INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE – ICMBIO, 2011.

Como verificado no quadro acima, a presença de turistas estrangeiros é muito significativa em Foz do Iguaçu. Para melhor entendimento acerca desta demanda

internacional, a tabela 1 apresenta os dez países que mais emitiram turistas para o Parque Nacional do Iguaçu na última década.

TABELA 1 - POLOS EMISSORES ESTRANGEIROS - PARQUE NACIONAL DO IGUAÇU: 2000, 2005, 2009 E 2010

Procedência	2000		2005		2009		2010		Total
	Número	%	Número	%	Número	%	Número	%	Número
Argentina	192.195	19,24	203.070	19,24	197.646	18,47	258.884	20,45	851.795
Espanha	12.152	5,28	55.760	5,28	37.609	3,51	34.707	2,74	140.228
Paraguai	31.920	2,91	30.724	2,91	38.304	3,57	36.922	2,91	137.870
E. U. A.	18.814	3,33	35.162	3,33	26.021	2,43	25.977	2,05	105.974
França	15.012	2,62	27.739	2,62	25.999	2,42	26.170	2,06	94.920
Alemanha	15.279	2,54	27.378	2,59	25.293	2,36	24.926	1,96	92.876
Inglaterra	12.658	2,23	23.578	2,23	21.124	1,97	19.917	1,57	77.277
Itália	10.499	1,73	18.359	1,73	15.703	1,46	16.164	1,27	60.725
Chile	6.664	1,67	17.714	1,67	13.079	1,22	14.850	1,17	52.307
China	4.934	1,57	16.612	1,57	10.637	0,99	11.955	0,94	44.138
Total	315.686	35,89	456.096	43,21	411.415	38,44	470.472	37,16	1.969.355

FONTE: INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE – ICMBIO, 2011.

Entre os países que mais visitaram o Parque Nacional do Iguaçu, onde se posicionam as Cataratas do rio Iguaçu, nota-se a Argentina ocupando a primeira posição, enquanto o Paraguai ocupa a terceira. Esta constatação está relacionada principalmente pela proximidade entre estes países e Foz do Iguaçu. Outros cinco países são europeus, com destaque para a Espanha, que enviou a média de 35.057 turistas por ano. Os Estados Unidos aparecem com uma média de 26.493 turistas visitando o Parque Nacional do Iguaçu todos os anos. Por último, não menos importante, nota-se o Chile e a China.

Estes dados evidenciam a importância de Foz do Iguaçu enquanto destino turístico internacional. A figura a seguir apresenta este fluxo, ordenando os países que mais enviaram turistas nos últimos anos motivados principalmente para visitar as Cataratas do Iguaçu, localizadas no Parque Nacional do Iguaçu.

FIGURA 1 – DEZ MAIORES EMISSORES DE TURISTAS PARA O PARQUE NACIONAL DO IGUAÇU: 2000, 2005, 2009 E 2010.

FONTE: ICMBIO, 2011.

A Usina Hidrelétrica de Itaipu também se tornou elemento de apelo turístico diante de sua repercussão assumida enquanto maior hidrelétrica do mundo (CATTA, 2002). Atrélada ao conjunto de reformas, melhorias na infraestrutura e a especialização no atendimento turístico, a visitação em Itaipu foi sendo fortalecida por aqueles visitantes que se direcionavam a Foz do Iguaçu com a intenção de conhecer as Cataratas do Iguaçu e aproveitavam para visitar a Usina. Neste sentido, o quadro 2 abaixo apresenta o fluxo de visitantes nos atrativos de Itaipu nos últimos anos.

QUADRO 2 - ATRATIVOS DE ITAIPU E NÚMERO DE VISITANTES: 2008/2010

Margem Brasileira	2008	2009	2010	Total
Visita Institucional	52.941	48.874	62.087	163.902
Visita Panorâmica	219.910	205.490	246.762	672.162
Circuito Especial	38.901	44.215	44.042	127.158
Ecomuseu	47.002	31.005	5.582	83.589
Refúgio Biológico	18.672	15.521	19.567	53.760
Pólo Astronômico	--	1.393	8.605	9.998
Total	404.904	373.098	410.022	1.188.024

Fonte: Marta O'Leary Costard – Gerente da divisão de Relações públicas da Itaipu, 2011.

Ao observar o quadro demonstrativo das visitas em Itaipu, verifica-se relativa estabilidade numérica. Em 2010 percebe-se um acréscimo em relação a 2009 e 2008, em parte explicado pela inauguração do Polo Astronômico no final de 2009, cujos números só foram contabilizados em 2010.

Além dos atrativos citados, o comércio em Ciudad del Este no Paraguai se constitui em um considerável atrativo; o Marco das Três Fronteiras³, o Parque das Aves; a Mesquita Mulçumana; o Templo Budista, entre outros. Diante do exposto, observa-se que a atividade turística no município de Foz do Iguaçu, constitui-se em importante fonte de rendas e divisas não apenas para o município, mas principalmente para sua população.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se que a evolução urbana de Foz do Iguaçu está atrelada ao processo de construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, fato que determinou a transformação espacial da cidade e da sua rede urbana. Itaipu foi responsável pela dinamização do turismo em Foz do Iguaçu, primeiramente pela divulgação dos atrativos naturais ali presentes; em segundo lugar por influenciar e muitas vezes até ser responsável por melhorias dos equipamentos para atendimento dos turistas; em terceiro e não menos importante, por tornar-se, ao longo do processo de construção, no segundo atrativo mais visitado no município.

A cidade de Foz do Iguaçu através dos seus dois principais pilares turísticos tornou-se centro de um contexto internacional, aparecendo como o segundo destino mais visitado no Brasil, atrás da cidade do Rio de Janeiro (EMBRATUR, 2009). Desta forma, além da infraestrutura destinada exclusivamente a esta atividade, os milhares de visitantes que se dirigem à cidade anualmente utilizam outros serviços, proporcionando dinâmica particular em Foz do Iguaçu.

Santos (2005, p. 128) aponta que uma dada rede urbana é “[...] cada vez mais diferenciada, cada vez mais complexa [...]” pois cada cidade assume relações específicas.” Desta forma, o consumo produtivo vinculado às atividades econômicas

³ Local de divisa territorial entre Brasil, Argentina e Paraguai, onde o Rio Iguaçu desemboca no Rio Paraná. O marco brasileiro está localizado no bairro Porto Meira (SCHIMMELPHENG, 1991).

representa a utilização das especificidades de cada espaço, provocando diferenciação entre os lugares, tanto em relação à produção, quanto às técnicas utilizadas. É neste sentido, que observa-se a diferenciação de Foz do Iguaçu, pois a cidade encontra no turismo suas relações mais complexas, fato que a insere na rede internacional de cidades.

Verifica-se que a evolução de Foz do Iguaçu está atrelada ao processo de construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, que determinou a transformação espacial da cidade e da sua rede urbana. Itaipu foi responsável pela dinamização do turismo em Foz do Iguaçu, primeiramente pela divulgação dos atrativos naturais ali presentes; em segundo lugar por influenciar e muitas vezes até ser responsável por melhorias dos equipamentos para atendimento dos turistas; em terceiro e não menos importante, por tornar-se, ao longo do processo de construção, no segundo atrativo mais visitado no município.

Outra característica importante diz respeito à origem do turista que visita Foz do Iguaçu, já que dos 1.265.765 turistas que entraram no Parque Nacional do Iguaçu em 2010, 618.904 eram estrangeiros (ICMBIO, 2011). Este dado revela as muitas relações de Foz do Iguaçu com cidades e países de todo o mundo. É justamente na função estabelecida na integração entre turismo, prestação de serviços e comércio que Foz do Iguaçu se afirma e se fortalece dentro de uma rede internacional de cidades.

6 REFERÊNCIAS

BARRETTO, M. **Manual de Iniciação Ao Estudo do Turismo**. Campinas: Papirus, 1991.

BESSA, K. C. Reestruturação da rede urbana brasileira e cidades médias: o exemplo de Uberlândia (MG). **Caminhos da Geografia**. Uberlândia, v. 24, n. 16, p. 268-288, out. 2005.

CARLOS, A. F. A. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 1992.

CATTA, L. E. **O cotidiano de uma fronteira: a perversidade da modernidade**. Cascavel: Edunioeste, 2002.

CORRÊA, R. L. **A rede urbana**. São Paulo: Ática, 1989.

_____. **Trajetórias geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

_____. **Estudos sobre a rede urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

COSTARD; M. O. **Turismo na Usina Hidrelétrica de Itaipu**. Foz do Iguaçu, Usina Hidrelétrica de Itaipu 17 jun. 2011. Entrevista a Cláudia Heloíza Conte.

EMBRATUR. **Anuário Estatístico**. Brasília, 2004.

_____. **Anuário Estatístico**. Brasília, 2009.

_____. **Anuário Estatístico**. Brasília, 2011.

FERNANDES, P. I.; COELHO, F. M. **Economia do Turismo**: teoria e prática. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002.

FRESCA, T. M. **A rede urbana do norte do Paraná**. Londrina: Eduel, 2004.

ICMBio. **Anuário estatístico**. Foz do Iguaçu, 2011.

IPEA. **Sistema de informações sobre o mercado de trabalho no setor turismo**. 2008. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories>>. Acesso em: 11/03/2010.

MAMBERTI, M. S.; BRAGA, R. Arranjos produtivos turísticos e desenvolvimento local. SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE DESENVOLVIMENTO LOCAL NA INTEGRAÇÃO: ESTRATÉGIAS, INSTITUIÇÕES E POLÍTICAS, 1, 2004. **Anais...** UNESP, Rio Claro, 2004.

MASSUKADO, M. S.; TEIXEIRA, R. M. Políticas Públicas, Recursos Turísticos Organizacionais: o caso de Foz do Iguaçu, Paraná. **Turismo – Visão e Ação**, Balneário Camboriú, v. 8, n. 2, p. 201-222, 2006.

MONTEJANO, J. M. **Estrutura do mercado turístico**. São Paulo: Roca, 2001.

NODARI, M. Z. R. **As contribuições do turismo para a economia de Foz do Iguaçu**. 2008. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

OMT. Volume mundial de turistas. Disponível em: <<http://mkt.unwto.org/en/barometer>>. Acesso em: 14/11/2011.

RODRIGUES, M. Preservar e consumir: o patrimônio histórico e o turismo. In: FUNARI, P. P.; PINSKY, J. (Org.). **Turismo e Patrimônio Cultural**. São Paulo: Contexto, 2003.

SANTOS, M. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Edusp, 2005.

_____, M. **A natureza do espaço**. São Paulo: Edusp, 2008.

SCHIMMELPHENG, O. **Retrospectos Iguazuenses**. Foz do Iguaçu: Tezza, 1991.

Recebido em: 10-10-2012

Aprovado em: 09-11-2012